

O USO DE CINEMA DE COMÉDIA PARA O ENSINO DE DEONTOLOGIA FARMACÊUTICA: olhares discentes

USE OF FILM COMEDY TO TEACH PHARMACEUTICAL DEONTOLOGY:
students' gaze

Lêda Glicério Mendonça¹
Francisco Romão Ferreira²
Lúcia Rodriguez de La Rocque³

Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar as percepções dos alunos quanto à potencialidade do uso de cinema de comédia como subsídio para a construção de estudos de caso, modalidade de metodologia ativa, aplicados à disciplina de Deontologia Farmacêutica. Os dados coletados após análise, categorização e reagrupamento indicaram que a maior parte dos alunos declarou que a prática pedagógica proposta conseguiu coordenar a teoria com a prática; promoveu o senso crítico e a reflexão sobre a prática profissional, que facilitou o aprendizado e que aproximou o alunado de um assunto em princípio considerado árduo. Essas questões ganham apoio na significação do cômico descrita por Bergson e na Pedagogia da Alegria de Snyders. Dessa forma o uso sistematizado da sétima arte pode auxiliar na formação humanística, crítica e reflexiva tão almejada para os profissionais da saúde e preconizadas pelas Diretrizes Nacionais do curso de Farmácia.

Palavras-chave: Ensino farmacêutico. metodologias ativas. ciência e arte. cinema de comédia.

Abstract

The aim of this work is to verify the perceptions of students about the potential use of comedy movies as subsidy of case studies, active methodology' modality, applied to teach of

¹ A autora é atualmente professora de ensino de graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro-IFRJ. Mestra e Doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Concluiu Doutorado Sanduíche em Estudos Feministas pela Universidade de Coimbra (2014). E-mail: leda.mendonca@ifrj.edu.br

² O autor possui mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública e pós-doutorado voltado para o ensino de biociências na saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz. Professor adjunto do Instituto de Nutrição da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e professor colaborador do PGEBS (Programa de Pós-Graduação no Ensino de Biociências na Saúde do IOC/FIOCRUZ). E-mail: fromao@terra.com.br

³ A autora é Mestre em Biologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1988) e em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), é Doutora em Ciências pelo Instituto de Biofísica desta última instituição (1995). Realizou pós- doutorado na área de Antropologia, Gênero e Ciência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz, na Fundação Oswaldo Cruz, e Professora Adjunta de Literatura Inglesa na UERJ. Faz parte do corpo docente da pós-graduação em Ensino em Biociências e em Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz na Fiocruz e da pós-graduação em Letras da UERJ. E-mail: luroque@ioc.fiocruz.br

Pharmaceutical Deontology. The data collected after analysis, categorization and reunification indicated that most of the students believe that the proposed pedagogical practice could coordinate theory with practice; could be able to promote critical thinking and reflection about professional practice, facilitated learning and brought the student closer to the subject normally considered hard. These questions derive support from the meaning of the comic described by Bergson and by Snyders's Pedagogy of Joy. Thus the systematic use of the seventh art can help in humanistic, critical and reflective training aimed for all health professionals and recommended by the National Guidelines Pharmacy course.

Keywords: pharmaceutical teaching-learning. active methodologies. science and art. comedy films.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de verificar as percepções dos alunos quanto à potencialidade do uso de cinema de comédia como subsídio para a construção de estudos de caso, modalidade de metodologia ativa, aplicados à disciplina de Deontologia Farmacêutica. Nesse contexto, será explorado o uso de cinema de comédia assumindo o papel de fonte de dados para um estudo de caso, considerado por Oliveira (2010) como uma das ferramentas mais sistematizadas em apoio à aplicação de Metodologias Ativas em sala de aula.

O uso de cinema no ensino já tem sido utilizado em várias situações com sucesso (TAPAJÓS, 2007; MENEGHEL, 2008; MENDONÇA, 2010). A proposição do uso do cinema de comédia em sala de aula emergiu da necessidade de se encontrar uma estratégia motivadora para auxiliar na apreensão dos conteúdos da Deontologia Farmacêutica, disciplina baseada em normas e leis, campo de pouco interesse dos alunos de graduação em Farmácia. Zubioli (2004); Ríos (2011); Rodriguez e Mora, (2012) relatam, além do desinteresse da categoria farmacêutica, a dificuldade em se lecionar essa disciplina, por isso a apropriação do cinema no ensino pode ser uma boa opção. Sá e Queiroz (2009) confirmam que filmes comerciais podem ser boas fontes de dados para a construção de um estudo de caso

Filmes comerciais que tratam de histórias/eventos capazes de gerar discussões sobre questões sociais, econômicas e éticas relacionadas à ciência são adequadas fontes de inspiração para a produção de casos. Também podem ser convenientemente explorados filmes que abordam questões sobre o próprio conteúdo científico a ser tratado nas disciplinas nas quais os casos sejam aplicados. (SÁ; QUEIROZ, 2009, p. 23).

Desde a proposição das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2002 (Resolução CNE/CES n.º 02/2002) que “[...] o ensino farmacêutico vive uma crise de paradigmas que se caracteriza por uma mudança conceitual, consequência de uma insatisfação com modelos anteriormente predominantes” (SILVA; MIGUEL; TEIXEIRA, 2011, p.78). Oliveira (2010, p.13) afirma que, a partir desse momento, os cursos de Farmácia seguiram a tendência de outros cursos da área de saúde:

[...] formar o profissional capaz de atender as demandas do SUS (Sistema Único de Saúde) com ‘o perfil do egresso generalista, com formação humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção a saúde, com base no rigor científico e intelectual’. Neste contexto, as metodologias ativas se apresentam como um modelo mais adequado para a formação superior contemporânea. (OLIVEIRA, 2010, p.13).

Partiu-se, então, da premissa que o Estudo de Caso é uma derivação da Aprendizagem Baseada em Problemas, sendo, por isso, uma ferramenta de ensino importante para a implantação de Metodologias Ativas em sala de aula. As Metodologias Ativas se constituem em um conjunto de ações para promover o ensino e é um modelo baseado na aprendizagem onde o estudante é o principal ator do processo. Nesse tocante, Cecy (2011) reforça que o uso de Metodologias Ativas no ensino farmacêutico é de fundamental importância, pois permitem que os alunos interajam entre si, trabalhem em grupo, sob a tutoria do professor-mediador, o que favorece o desenvolvimento do espírito crítico, a capacidade de diálogo e a aptidão para a resolução de problemas.

Escolher a comédia como subsídio para a construção de estudos de caso residiu no fato o riso ter um efeito de correção de caráter e no fato de, nas comédias de costumes, e vários autores escreverem argumentos nos quais se expõem as fraquezas e mazelas das personagens, trazendo em si uma crítica social. Molière, por exemplo, retratou várias vezes o médico e outros profissionais da saúde, tais como enfermeiros e farmacêuticos, enfatizando a forma externa. Gógol também tratou, além de outras, as profissões da saúde em suas comédias, porém de forma diferente, reforçando as atitudes (PROPP, 1992). Esta tendência é explorada até hoje em obras cômicas, o que pode trazer uma reflexão quanto às atitudes profissionais.

A disciplina de Deontologia traz, em seu núcleo firme, as normas de conduta profissional de acordo com os ditames legais e seus reflexos sobre a sociedade. O ensino de seus conteúdos precisa ser explorado em um espaço de discussão em que se relacione a teoria com a prática levando em consideração os seus desdobramentos sobre o ser humano e seu

entorno. Mesmo que o objeto de ensino (leis e normas) seja extremamente formal, e isso, na maior parte das vezes, afaste o aluno, seu aprendizado pode ser prazeroso com o auxílio da comédia. Bergson (1980) declara sobre as comédias de costume de Molière em que se ridicularizavam as profissões:

Ampliemos agora essa imagem: o corpo adiantando-se à alma. Obteremos algo de mais geral: a forma querendo impor-se ao fundo, a letra querendo sobrepor-se ao espírito. Não será essa a ideia que a comédia procura nos sugerir quando ridiculariza a profissão? Na comédia falam o advogado, o juiz, o médico, como se saúde e justiça fossem coisas secundárias, mas sendo importante haver médicos, advogados, juízes, e que as formas exteriores da profissão sejam escrupulosamente respeitadas. Desse modo, meio se impõe ao fim, a forma ao fundo, e não mais a profissão é feita para o público, mas o público para a profissão. A preocupação constante com a forma e a aplicação maquinal das regras criam aqui uma espécie de automatismo profissional, comparável com ao que os hábitos do corpo impõem à alma, e risível como eles. (BERGSON, 1980, p. 34).

Não seria a conduta profissional sem reflexão uma antecipação do corpo à alma? Um proveito profissional sem levar em consideração o público que ele deve servir? Que o profissional de saúde deve ser formado para atender ao público, não ignorando as regras, mas tendo em mente as necessidades humanas?

Mesmo que para alguns a comédia seja considerada um gênero menor, Destrée (2010) refuta essa ideia fazendo uma análise de alguns manuscritos de Aristóteles, partindo da premissa que o segundo tomo da *Poética* dedicado, à Comédia, provavelmente foi perdido na antiguidade. Tomando como base trechos da *Poética* dedicado à tragédia, Aristóteles afirma que apenas aos espectadores adultos e com educação seria adequado assistir às comédias, pois estariam preparados para compreendê-las, não sendo adequado aos que não têm discernimento, fato pelo qual Destrée infere que o gênero se iguala em importância quanto à capacidade dos espectadores em discernir entre as virtudes do herói trágico e os vícios do personagem cômico. Por isso, utilizar este instrumento na graduação pareceu-nos adequado, pela capacidade reflexiva que se espera deste aluno.

Mas não só isso é levado em consideração aqui. A Pedagogia da Alegria de Georges Snyders (1995) em seu livro *Feliz na Universidade: estudo à partir de algumas biografias*, declara que, na forma como o ensino superior é concebido, poucos são os adultos que encontram satisfação na Universidade. Nesta obra, o autor propõe uma transformação no ensino e desvenda alguns motivos de alegrias na Universidade, por ser este um espaço destinado à alegria cultural. Em primeiro plano, há de se explorar o que o autor chama de cultura primeira que o aluno carrega consigo e baliza sua aprendizagem, amplia a ideia com a

apropriação da cultura de massa que os jovens tanto apreciam para auxiliar no aprendizado e transformar a cultura primeira em cultura elaborada construída no espaço escolar. Essa condição pode aflorar no aluno o que o autor chama de alegrias intermediárias: alegria de progredir, de alcançar realizações cada vez mais pessoais; alegria de conseguir os resultados almejados, de estar no caminho do êxito social, de começar a ser reconhecido.

Quanto ao uso do cinema de comédia a “arte constitui um exemplo privilegiado dessa síntese enriquecedora da infância e da idade adulta – e é o que torna possível e necessária uma profunda cooperação entre jovens e adultos, jovens e a cultura adulta e, portanto uma escola da alegria” (SNYDERS, 1996, p.64). “Como o chiste e o cômico, o humor tem algo de libertador, mas possui também qualquer coisa da grandeza e elevação que faltam às outras maneiras de obter prazer da atividade intelectual” (SOARES, 2011, p. 2). Por isso, o uso de filmes de comédia para apoiar o ensino de Deontologia Farmacêutica pareceu uma escolha promissora.

Os filmes selecionados para a construção dos estudos de caso foram: “O inventor da mocidade” (1952); “O professor aloprado” (1963) e (1996); “Junior” (1994) e “Sem sentido” (1998). A seleção dos filmes tinha, como princípio básico, apresentar como tema central o desenvolvimento e experimentação de substâncias com efeito terapêutico e precisavam, também, ter relação estreita com os temas tratados em sala de aula, a saber: conduta ética do profissional que pesquisa medicamentos, registro de medicamentos, experimentação com seres humanos, limites legais de atuação do profissional (atribuições profissionais privativas e não privativas), conflito de interesses na pesquisa, uso racional de medicamentos, propaganda de produtos sujeitos à controle da Vigilância Sanitária, além de outros questionamentos sobre a ação farmacológica que cada droga testada em cada filme ocasiona sobre o voluntário, promovendo assim a transdisciplinaridade com outras áreas da Farmácia.

Buscou-se neste trabalho verificar as percepções dos alunos quanto à potencialidade do uso de cinema de comédia como subsídio para a construção de estudos de caso, e não os resultados práticos da intervenção em sala de aula (índice de acertos, por exemplo). Se é possível considerar o estudo de caso com o subsídio de filmes de comédia uma estratégia de ensino de aproximação ao tema considerado de pouco interesse ao futuro farmacêutico. Se a prática pedagógica experimentada pôde promover o senso crítico, a reflexão, e a contextualização, características almejadas para o egresso descritas nas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia. (BRASIL, 2002).

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada em dados coletados por intermédio de questionários aplicados em seguida à prática pedagógica. O estudo emergiu da dificuldade encontrada pela professora/pesquisadora no desenvolvimento de suas atividades docentes, em ministrar a disciplina de Deontologia Farmacêutica. Essa disciplina é componente curricular obrigatório do quarto período do curso de Bacharelado de Farmácia e conta com 30 (trinta) horas/aula.

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Graduação em Farmácia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, campus Realengo. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos regularmente matriculados e inscritos na disciplina de Deontologia Farmacêutica. As turmas estudadas foram as do primeiro e do segundo semestres letivos do ano de 2012, aqui denominadas 1-2012 e 2-2012 respectivamente e a do primeiro e do segundo semestres do ano de 2013, aqui denominadas de 1-2013 e 2-2013. As aulas, nesta última turma, foram ministradas por outra professora em substituição à licença da titular da cadeira. Ao início de cada semestre letivo, os alunos eram informados que a atividade fazia parte de uma investigação de Doutorado em ensino de Ciências e que sua participação era voluntária. Todos os alunos concordaram em participar após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo parecer de número 175.250 datado de 3 de dezembro de 2012 do Comitê de Ética na Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz- Instituto Oswaldo Cruz FIOCRUZ/IOC. Para garantir a integridade dos sujeitos envolvidos, nenhum nome foi citado.

O questionário utilizado abrangia perguntas distribuídas em três categorias: 1) Caracterização dos sujeitos da pesquisa; 2) Validação da estratégia de ensino; 3) Caracterização da identidade do cientista retratado nos filmes. O questionário está exposto no Quadro 1.

Quadro 1. Questionário aplicado na pesquisa e categorização das perguntas

| Pergunta | Categoria |
|--|---|
| Pergunta 1) Qual é o seu sexo? () Masculino () Feminino | [Caracterização dos sujeitos da pesquisa] |
| Pergunta 2) Qual é a sua faixa etária? () Menos de 18 anos () De 18 a 23 anos () Mais de 23 anos | |
| Pergunta 3) Gosta de cinema? () Sim () Não | [Validação da estratégia de ensino] |
| Pergunta 4) Classifique de acordo com a sua preferência os estilos de filmes enumerados abaixo, marcando como se segue: (A) Adoro; (G) Gosto; (I) Indiferente; (NG) Não gosto; (D) Detesto | |
| Pergunta 5) Você acha que o uso de cinema facilitou a sua aprendizagem? () Sim () Não | |
| Pergunta 6) Você acha que o uso de cinema aumentou o seu interesse na disciplina? () Sim () Não | |
| Pergunta 7) Você achou que o filme utilizado em sala de aula conseguiu abordar o conteúdo proposto da disciplina? () Sim () Não | |
| Pergunta 8) Você achou válido utilizar essa estratégia de ensino com uso de cinema de comédia como alternativa para sua avaliação no lugar de uma prova convencional? Por quê? () Sim () Não | [Caracterização da identidade do cientista] |
| Pergunta 9) Na sua observação, qual é a formação do cientista que conduz a pesquisa com medicamentos no filme que você assistiu? () Químico () Farmacêutico () Médico () Outro. Qual? | |
| Pergunta 10) O que levou você a identificar a formação do cientista do filme assistido? () A formação dele foi informada de maneira clara no filme () Deduzi a profissão do cientista pelo contexto do filme () Eu estou convicto de que essa atribuição é de competência desse profissional () Outro: | |
| Pergunta 11) Você saberia citar um título de filme que tenha um personagem farmacêutico(a)? () Sim () Não | |

Somente as duas primeiras categorias de perguntas são objetos deste artigo, sendo a segunda a de maior interesse aqui. O que se deve deixar claro, também, é que o foco principal de discussão é a percepção discente sobre o uso do cinema de comédia no ensino, e não se a estratégia foi capaz de potencialmente melhorar o aprendizado. A terceira categoria que trata sobre a identidade do cientista que pesquisa medicamentos retratada nos filmes será objeto de trabalhos futuros. As perguntas do questionário analisadas neste trabalho estão respondidas, de maneira cursiva, ao longo da seção “Resultados e discussão”.

As perguntas contidas nos questionários foram tabuladas, e em seguida, foram construídos gráficos ou tabelas. As perguntas semiabertas (perguntas 8 e 9) foram analisadas

tendo como referencial a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefèvre e Lefèvre (2000). A técnica consiste na construção de um discurso síntese a partir de fragmentos de discursos de sentidos semelhantes, sendo fundamentada na Teoria da Representação Social proposta por Moscovici. Segundo esses autores, essa técnica só é socialmente aceita porque os indivíduos de uma mesma formação sociocultural compartilham uma segunda língua. Então, por intermédio do DSC se torna possível reconstruir uma opinião coletiva como se fosse a fala de um só indivíduo. Pelo fato de os sujeitos estudados terem produzido pequenos relatos e constituírem um mesmo grupo social, com convicções e aspirações semelhantes, esta metodologia pareceu apropriada para embasar a discussão.

No primeiro dia de aula de cada semestre letivo, a dinâmica da avaliação foi exposta. A estratégia de ensino foi elaborada ao longo de todo o semestre. O semestre foi conduzido com aulas expositivas e dialogadas. Cada turma foi dividida em grupos de cinco ou seis componentes dependendo do seu tamanho (para turmas maiores grupos de seis alunos, para turmas menores foram formados grupos de cinco alunos). Os filmes foram distribuídos entre os grupos de maneira a não ocorrer títulos repetidos em cada turma, promovendo um tom de novidade, interesse e curiosidade de um grupo em relação ao filme estudado por outros grupos. Um roteiro analítico que conduz o estudo de caso foi entregue aos alunos. O roteiro era o mesmo para todos os filmes. Continha instruções sobre os critérios a serem levados em conta para a resolução do caso e seis perguntas que contemplavam os conteúdos da ementa da disciplina (Roteiro exposto no anexo). Ao final do semestre letivo, os grupos apresentaram a resolução do estudo de caso. Ao final de toda a atividade, o questionário foi aplicado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As turmas observadas eram assim compostas:

- Turma 1-2012: 26 alunos, 3 homens e 23 mulheres;
- Turma 2-2012: 9 alunos, 2 homens e 7 mulheres;
- Turma 1-2013: 33 alunos, 4 homens e 29 mulheres;
- Turma 2-2013: 15 alunos, 3 homens e 12 mulheres.

Aqui fica evidente que a procura do curso é predominantemente feminina, dado corroborado pelas estatísticas fornecidas pela FENAFAR (2012).

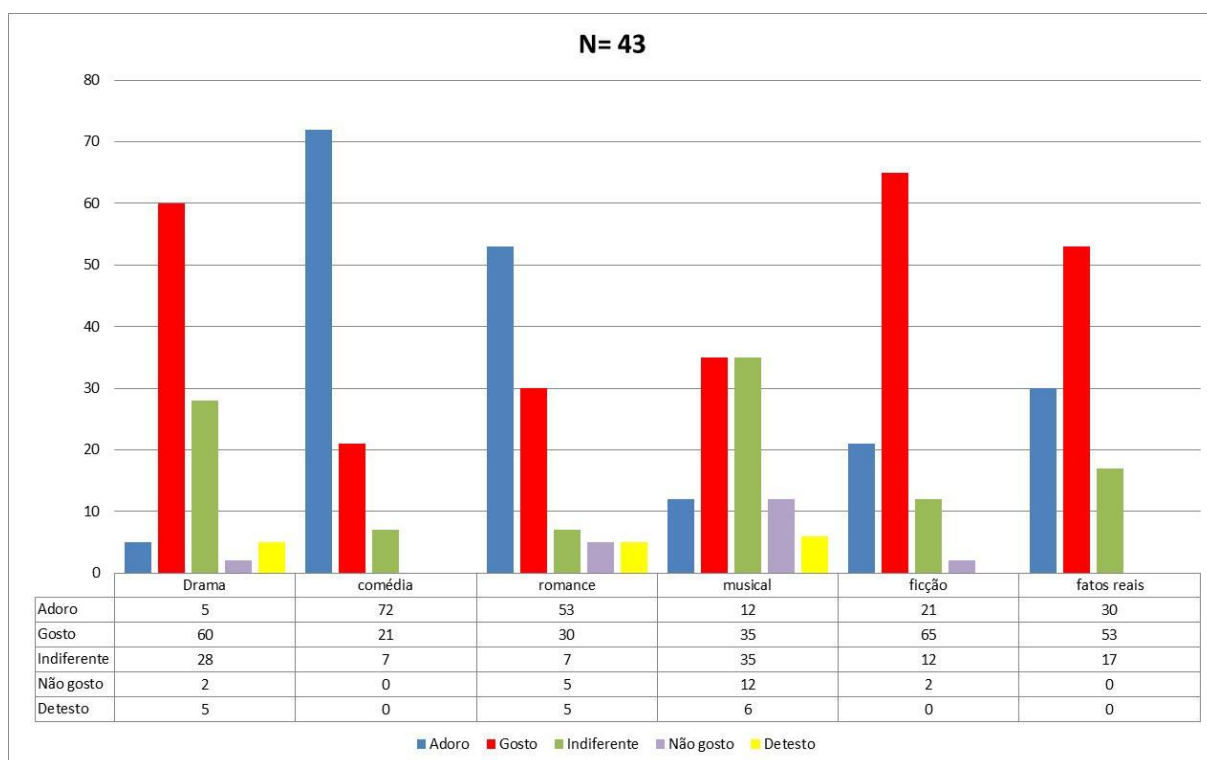
Como a participação era voluntária, nem todos os participantes que assinaram o TCLE (Termo de Compromisso Livre e Esclarecido) responderam ao questionário. Nas duas primeiras turmas, os questionários foram enviados eletronicamente. Assim, na primeira turma (1-2012) de vinte e seis alunos, apenas sete questionários retornaram e na turma (2-2012) de nove alunos apenas um questionário retornou. Frente a esse cenário, na terceira turma (1-2013) a professora/pesquisadora aplicou o questionário presencialmente. Assim se conseguiu retorno expressivo. Dos trinta e três alunos, vinte e nove responderam. Entretanto, pelo fato de na última turma (2-2013) a situação ter sido conduzida por professora substituta, novamente os questionários foram enviados por e-mail. Dos quinze alunos, apenas seis responderam, totalizando 43 (quarenta e três) questionários respondidos. Por esse motivo, os questionários serão analisados em conjunto e não por turma.

Os alunos respondentes ao questionário tinham em sua maioria idades entre 18 e 23 (81% dos sujeitos), sendo os demais 19% com mais de 23 anos, nenhum com idade inferior a 18 anos, sendo portanto, todos capazes de decidir em participar da pesquisa.

Quando os alunos foram questionados sobre se gostavam de cinema, foram unânimes em responder que sim.

Quanto à preferência dos alunos sobre os gêneros cinematográficos, os resultados estão expostos no gráfico 1.

Gráfico 1. Preferência dos alunos pesquisados quanto ao gênero cinematográfico em (%). N=43



Fonte: autoria própria.

Pelo panorama exposto, o gênero cinematográfico comédia nos indivíduos observados é o de melhor aceitação, afirmação corroborada por estudo prévio conduzido por Mendonça, Ferreira e La Rocque (2012). Alguns alunos, ao longo de suas apresentações manifestaram oralmente a satisfação em poder estudar com um filme de comédia, pois parece que estão brincando ao mesmo tempo em que aprendem. “Não pode haver ruptura entre o prazer de brincar, na criança, e o mesmo prazer, no adulto. Ora, a comédia é um brinquedo, brinquedo que imita a vida” (BERGSON, 1980, p. 42) e a proposta da prática pedagógica foi exatamente o de tornar prazeroso o aprendizado de algo considerado maçante e árduo.

Quando os alunos foram indagados se o uso de cinema de comédia em sala de aula facilitou a aprendizagem dos conteúdos de Deontologia, a maioria dos quarenta e três (43) alunos disse que sim, apenas três disseram que não. A maioria dos alunos (trinta e oito) disse que a prática pedagógica proposta aumentou o interesse pela disciplina. Apenas cinco disseram que não. A maior parte dos alunos concordou que os filmes selecionados para a pesquisa abordaram os assuntos de interesse da Deontologia, apenas um disse que não,

embora esse aluno tenha concordado com todos os outros quesitos. Quase todos disseram que foi válido utilizar essa estratégia de ensino como avaliação em substituição à prova convencional, apenas um disse que não.

Snyders (1996), em sua *Pedagogia da Alegria*, evoca que o uso do cinema, dentre outras atividades (livro de bolso, presença constante de música, de todas as músicas) constituem-se em caminhos tecnicamente possíveis para o aprendizado:

[...] precisamente porque as outras culturas, como o cinema, o jazz ou o rock, ganharam importância e dignidade, que se torna possível não mais recusá-las, não mais contrapô-las à cultura da escola, mas sim fazer delas etapas em direção à cultura. (SNYDERS, 1996, p. 147).

A partir desse ponto, os alunos foram convidados a fazer um breve relato para justificar esta resposta que foi analisado à luz da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2000). Num primeiro momento, foi feita a análise de todos os relatos individualmente para se identificar as expressões-chave de cada fala, primeiro passo para a construção do discurso do sujeito coletivo. Abaixo serão expostos alguns relatos mais expressivos que foram decisivos para a categorização das “expressões-chave”.

Nessa primeira etapa, optou-se pela transcrição literal dos relatos, mantendo a fidedignidade de opinião dos sujeitos. Alguns relatos estão expostos no **quadro 2**.

Quadro 2. Relatos dos alunos. Tema: “Você achou válido utilizar essa estratégia de ensino com uso de cinema de comédia como alternativa para sua avaliação no lugar de uma prova convencional? Por quê?”

Aluno 2013/1/5: “Foi um método válido de avaliação, uma vez que **muitas pessoas sentem-se desinteressados em estudar leis**”.

Aluno 2013/1/18: “**Porque é mais divertido** e descontraído, **embora tenhamos a mesma responsabilidade**”.

Aluno 2012/1/1: “**Pois o uso de filmes facilita a interpretação** do problema abordado e possibilita a **aplicação do conteúdo abordado na disciplina** de uma forma agradável e mais justa do que uma avaliação tradicional, visto que faz o aluno usar seus conhecimentos do conteúdo concomitantemente com sua capacidade de interpretação, **se assemelhando mais ao dia-a-dia** do que uma prova”.

Aluno 2012/1/4: “Porque me senti estimulada a **desenvolver uma visão crítico-reflexiva**, o que fomentou em mim o **interesse pelas questões advindas desse processo**. **Senti necessidade em busca de aprofundar meus conhecimentos** e isto me fez **prestar atenção** na construção deste conhecimento nas questões rotineiras. A oportunidade de **discutir as questões, com os colegas de curso**, me proporcionou a visão de novas perspectivas que podem ser observadas segundo outras visões de mundo. Sinto que o

somatório destas experiências foi enriquecedor!”

Aluno 2012/1/6: “É uma forma de estudo **bem mais interessante e relaxante**. Esse tipo de avaliação **torna o aluno mais confiante do seu saber. Podemos expor tudo que aprendemos** de uma forma calma e descontraída, sem estresse e **sem esquecimentos na hora da avaliação**”.

Aluno 2012/2/1: “Dessa forma foi uma **avaliação dinâmica que abrangeu muito conteúdo e não foi maçante**”.

Aluno 2013/2/1: Sou o tipo de aluno tradicional que aprende quando o professor passa a matéria no quadro (conhecido cuspe e giz) e como avaliação aplica prova teórica.

O relato dos alunos 2013/1/5 e 2012/2/1 demonstra que o conteúdo da disciplina é maçante e nem sempre é de interesse da maioria, questão que motivou o uso do estudo de caso que se muniu dos enredos de filmes de comédia. “O uso do cinema, por se apropriar de uma linguagem universal, pode atuar como estratégia motivadora e significativa, aproximando o aluno de um conteúdo tão árido para ele”. (MENDONÇA, 2010, p. 22).

Os alunos 2013/1/18, 2012/1/1 e 2012/1/6 sinalizam que gostaram da forma como foi aplicada a prática pedagógica. O primeiro deles frisa, que mesmo sendo divertido, a responsabilidade de se estudar e aprender está presente, o segundo reforça que, além de ter sido agradável e interessante, a forma como eles foram avaliados é justa, pois é possível aplicar o conteúdo aprendido, e não simplesmente decorar e reproduzir, e o terceiro aluno declara que foi uma forma relaxante e descontraída de se mostrar o que se aprendeu, sem passar pelo nervosismo de uma prova convencional. Rodríguez e Mora (2012) fizeram um relato de experiência sobre práticas inovadoras do ensino de Deontologia Farmacêutica na Costa Rica. Frisam que há a dificuldade dos estudantes em se apropriar dos conteúdos da disciplina por ela pertencer à área do conhecimento das Ciências Sociais, com abordagem diferente das outras disciplinas de formação tecnológica.

Para el estudiantado de Farmacia resulta complicado entender los temas de Derecho puro, regulación, sanciones y régimen disciplinario. Esto tiene como consecuencia que su aprendizaje no sea duradero, pues no tienen una base que les permita ir construyendo saberes y lograr aplicarlos en su ejercicio profesional. (RODRÍGUEZ; MORA, 2012, p. 5).

O aluno 2012/1/4 já pontuou que o uso do filme de comédia em sala de aula estimulou o senso crítico-analítico e levou-o à reflexão, características indicadas pelo perfil do profissional de Farmácia preconizado na DCN CNE/CES 2/2002. Continua comentando a necessidade que sentiu em aprofundar estudos e o quanto foi enriquecedora a discussão em grupo.

Uma única aluna (aluno 2013/2/1) respondeu que a estratégia de ensino proposta não facilitou o seu entendimento, não aumentou o seu interesse em relação à disciplina e que não achou válido o uso de estudo de caso embasado em filmes de comédia em substituição à prova convencional, embora ela tenha achado que o filme escolhido conseguiu abordar os temas de destaque da disciplina. Quando inquirida sobre isso, ela respondeu que se considera uma aluna tradicional, que prefere as aulas expositivas conteudísticas e as provas convencionais como forma de avaliação e que o uso de cinema de comédia no ensino de Deontologia Farmacêutica não fez diferença no seu aprendizado. Isso demonstra que nem todos tem afinidade pelo método e que cada aluno tem sua característica, individualidade e tipo de inteligência própria. Mesmo com essa resposta, a prática pedagógica não sofreu interferências negativas e a aluna colaborou com a proposta.

O **quadro 2** traz somente alguns depoimentos nos quais foi possível identificar as “expressões-chave” e determinar as “ideias-centrais” para subsidiar a construção do DSC, a saber: (a) Conteúdo teórico X aplicação prática; (b) estratégias que desenvolvem o senso crítico; (c); estratégias “aproximadoras” (d) estratégias “facilitadoras” do entendimento. A partir dessas categorias foram construídos os quatro discursos do sujeito coletivo.

Certamente que a técnica do DSC proporciona várias possibilidades de construção, mas, para efeitos deste trabalho, a discussão será focada apenas nas expressões-chave categorizadas, pelo fato de serem de relevância para dar conta dos pressupostos deste estudo. Em alguns relatos, é possível perceber a ancoragem do discurso, em outros, esse operador metodológico não é tão claro. A ancoragem é uma expressão de uma dada teoria que emerge de um senso comum que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2000).

A primeira ideia-central identificada (**DSC1**) foi sobre a oposição entre **disciplina teórica e a sua aplicação prática**, o que nos remete à contextualização dos temas abordados em sala de aula.

Porque através da análise do filme de comédia vi situações em que seria necessário ter conhecimento de deontologia. Foi uma forma mais dinâmica de aprender e nos mostra de forma prática o conteúdo dado em sala de aula, e como este pode ser aplicado em diferentes tipos de situações. Além disso, aplicar a teoria em vez de só estudar, dá um melhor resultado.

Frente a esse discurso, pode-se inferir que o objetivo de se aplicar o estudo de caso atingiu o propósito desejado, o de trazer situações da vida prática à teoria da sala de aula, e os alunos, em suas falas, identificaram isso. Oliveira (2010) sinalizou a eficácia do uso do estudo

de caso para trazer à tona fatos ocorridos com pessoas, empresas, comunidades, exemplos da vida prática que nem sempre são imediatamente disponíveis e visualizáveis em uma aula convencional. Entretanto, ele alerta para a importância de se utilizar o estudo de caso alternadamente com outras estratégias de ensino. Na situação aqui apresentada, o estudo de caso é o fechamento de um processo educativo individual (preparação de resenhas das leis selecionadas) e coletivo (aulas convencionais dialogadas e resolução do estudo de caso).

A segunda ideia-chave identificada foi sobre trazer o **senso crítico analítico**. O aluno, ao se passar por espectador, observa os fatos e relaciona-os com suas experiências e com os conteúdos abordados em sala de aula, tendo liberdade para colocar suas ideias, conforme sinalizado no DSC2:

Isto é, com o filme pude ver na 'prática' o que aprendi na teoria. Nos dá a oportunidade de construirmos uma ideia própria e mais livre. Me senti estimulada a desenvolver uma visão crítica-reflexiva.

Sobre o efeito reflexivo que a mídia imprime ao espectador, podemos citar Turney (2005):

Em particular, estudos contemporâneos sobre mídia nos permitiram saber se leitores, espectadores ou ouvintes trabalham ativamente para construir interpretações de mensagens da mídia – exatamente como fizeram na época de Mary Shelly. É pouco provável que eles assimilem, sem uma atitude crítica [...] assim como não vão sair do filme Mary Shalley's Frankenstein, de Kenneth Branagh, clamando pelo fechamento de todos os laboratórios. Há sempre diferentes interpretações disponíveis, seja em texto específico, em outras partes do domínio da mídia ou no contexto individual do consumo. (TURNNEY, 2005, p.112).

A terceira ideia-chave é sobre o **potencial “aproximador”** que a estratégia de ensino proposta apresenta sinalizada no DSC3 fator já pesquisado e abordado em dissertação de Mestrado sobre o uso de teatro e do cinema no ensino. (MENDONÇA, 2010).

A ideia de usar o filme nos fez ficar mais interessados. Abordou de uma forma descontraída de empregarmos as normas abordadas na disciplina. Porque é mais divertido e descontraído, embora tenhamos a mesma responsabilidade. Dessa forma foi uma avaliação dinâmica. Senti necessidade de aprofundar meus conhecimentos e isto me fez prestar atenção na construção deste conhecimento nas questões rotineiras. Tornou o aprendizado mais dinâmico e interessante.

Georges Snyders (1995) pode ser citado para ilustrar e discutir o DSC3. Ele defende que, tanto as ciências como a arte podem conduzir o estudante a um mundo digno de ser amado – e que ele é capaz de amar, que não nos opõe uma hostilidade definitiva, frisa que a mediação do professor é importante para que o aluno possa conhecer obras de arte e também explorar de maneira produtiva as manifestações culturais que fazem parte do dia-a-dia do jovem:

o aluno tem necessidade de que um caminho tenha sido desbravado entre o que ele já sabe, sente, aquilo que ele tem necessidade para a sua própria busca, e as novas contribuições. Ou seja, ele tem necessidade de um outro, 'um monitor fiel e vigilante', exatamente para dar vazão ao seu pensamento pessoal, pois em muitos casos este não nos ensina como tirar partido dele mesmo. O professor pode ser o mediador, e não um estorvo, muito menos um obstáculo. (SNYDERS, 1995, p.113).

E sobre a perspectiva de estratégia de ensino com “**potencial facilitador**” foi construído o **DSC4**:

Esse tipo de avaliação torna o aluno mais confiante do seu saber. Podemos expor tudo que aprendemos de uma forma calma e descontraída, sem estresse e sem esquecimentos na hora da avaliação, aprendendo melhor do que se fosse em uma prova. Conseguimos associar com as leis abordadas da disciplina facilitando o entendimento. É uma forma de estudo bem mais interessante e relaxante. Sinto que o somatório destas experiências foi enriquecedor!

O estudo de caso já foi indicado como uma proposta interessante e eficiente para ministrar o conteúdo de Deontologia Farmacêutica no Relatório do Encontro de Professores de Deontologia Farmacêutica promovido pelo Conselho Regional de Farmácia de São Paulo (BRASIL, CRF-SP, 2011), encontro que foi estendido a todo o país em 2013. Esse documento comenta que por ser uma atividade complexa, o estudo de caso pode ser empregado como instrumento complementar de ensino ou na obtenção de nota ou conceito final da disciplina, como foi o caso aqui apresentado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os resultados apurados neste estudo, a escolha de filmes de comédia como subsídio para construção de estudos de caso em aporte ao ensino de Deontologia Farmacêutica parece ser uma escolha promissora a partir do ponto de vista dos alunos. Os dados objetivos apurados a partir do questionário também são corroborados por autores importantes tais como Bergson e Propp, que comentam sobre o caráter de crítica social que a comédia pode trazer, em especial aos profissionais e Georges Snyders, que aponta a apropriação da música, da leitura, do cinema como caminhos tecnicamente possíveis para tornar o aprendizado mais prazeroso e levar o aluno à alegria escolar. Todos os participantes do grupo estudado afirmaram gostar de cinema e apontaram adorar ou gostar de comédia (72% e 21% dos alunos inquiridos respectivamente). A maior parte deles parece concordar que os enredos dos filmes escolhidos conseguiram abordar os temas de interesse da disciplina e perceberam como uma ação positiva a aplicação do estudo de caso como ferramenta útil de

avaliação da disciplina em substituição às provas tradicionais. Quando inquiridos do por quê disso, produziram pequenos relatos escritos que, após categorização e reagrupamento, geraram 4 discursos do sujeito coletivo distintos que revelam as percepções do grupo quanto à prática a saber: 1) que o uso de cinema de comédia aplicado em um estudo de caso conseguiu conjugar a teoria da sala de aula com a prática profissional; 2) que foi possível desenvolver o senso crítico e reflexivo tomando como base as situações ficcionais apresentadas; 3) que a empatia com o gênero comédia aproximou os alunos de um conteúdo em princípio de pouco interesse para eles; 4) que a leveza da comédia os facilitou na aprendizagem por sentirem estar se divertindo ao mesmo tempo em que aprendem. Os poucos alunos que não concordaram com os demais não se opuseram a participar da atividade e assinalaram ser indiferente aprender de uma forma ou de outra, não vendo a circunstância como algo negativo. Sendo assim, o uso do cinema de comédia em apoio ao ensino de Deontologia Farmacêutica parece ser um bom caminho para formar o aluno crítico e reflexivo apto a atender às demandas preconizadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Farmácia.

AGRADECIMENTOS: A pesquisa contou com financiamento da CAPES.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1980.

BRASIL. CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DE SÃO PAULO. *Relatório do encontro de professores de deontologia farmacêutica*, 2011.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Resolução 2 de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, seção 1, p. 9. Brasília DF, 4 mar. 2002. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 25 Out. 2010.

CECY, C. A formação humanista e social do farmacêutico – um diferencial da qualidade. In: CECY, C.; OLIVEIRA, G.A.; COSTA, E. M. M. B. (Org.). *Melhoria da qualidade em educação farmacêutica*. Brasília: Abenfarbio, 2011.

DESTRÉE, P. A comédia na Poética de Aristóteles. *Organon*, Porto Alegre, nº 49, julho-dezembro, 2010, p.69 – 94. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/organon/article/download/28993/17731>>. Acesso em: 20 Out 2014.

FENAFAR (2012). Federação Nacional dos farmacêuticos. *Campanha Sou Mulher, Sou Farmacêutica, Tenho Direitos!* Disponível em: <<http://www.fenafar.org.br/pdf/livreto-mulher.pdf>>. Acesso em: 29 Maio 2014.

LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A.M.C. *O discurso do sujeito coletivo, uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: EDUCS, 2000.

MENDONÇA, L. G. *Uso de cinema e teatro: desenvolvimento de roteiros de estratégias de ensino de Boas Práticas de Fabricação na Graduação de Química*. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

MENDONÇA, L.G.; LA ROCQUE, L.R.; FERREIRA, F. R. Influência do cinema de comédia no ensino farmacêutico e na construção da imagem do cientista que pesquisa medicamentos: *Anais do I Fórum Nacional de pesquisadores em artes sequenciais...*2012, p. 171-181. Leopoldina, MG, 2012. Disponível em: <<https://skydrive.live.com/?cid=138ba5d9930baaa7&id=138BA5D9930BAAA7%21228&authkey=!AHDk8nrWB2Upj8#!/view.aspx?cid=138BA5D9930BAAA7&resid=138BA5D9930BAAA7%21237&app=WordPdf&authkey=%21AH-Dk8nrWB2Upj8>>. Acesso em: 13 out de 2013.

MENEGHEL, S.N. O Homem Elefante: reflexões sobre saúde, doença e normalidade. *Interface*, Botucatu, v. 12, n. 25, jun., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2013.

OLIVEIRA, G. A. Uso de metodologias ativas em Educação Superior. In: CECY, C.; OLIVEIRA, G. A.; COSTA, E. M. M. B. (Org.). *Metodologias ativas: aplicações e vivências em Educação Farmacêutica*. Brasília: Abenfarbio; 2010.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo, SP: Editora Ática. 1992.

RÍOS, F. A formação generalista como fator de qualidade profissional. In: CECY, C.; OLIVEIRA, G. A.; COSTA, E. M. M. B. (Org.). *Melhoria da qualidade em educação farmacêutica*. Brasília: ABENFARBIO, 2011.

RODRÍGUEZ, M.C.A; MORA, F.A. Técnicas docentes novedosas em um curso de legislación y ética farmacêutica. *Revista Actualidades investigativas em educación*. v.12, n.1, Enero-Abril, p. 1-25. Disponível em: <http://revista.inie.ucr.ac.cr/uploads/tx_magazine/tecnicas-docentes-novedosas-curso-legislacion-deontologia-farmaceutica-acuna-arias.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2013.

SÁ, L.P.; QUEIROZ, S.L. *Estudo de casos no ensino de química*. Campinas, SP: Editora Átomo. 2009.

SILVA, R. H. A; MIGUEL, S. S. ; TEIXEIRA, L. S. Problematização como método ativo de ensino-aprendizagem: estudantes de farmácia em cenários de prática. *Trabalho, Educação em*

Saúde, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.77-93, mar/jun.2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462011000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 Jun. 2014.

SNYDERS, G. *Feliz na Universidade: estudo a partir de algumas biografias*. São Paulo, SP: Paz e Terra. 1995. 189p.

_____. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. São Paulo: Paz e Terra. 1996. 2 ed. 204p.

SOARES, M.E.M. Estudo sobre o humor como forma espontânea de lidar com situações traumáticas. *Jornada Interna do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul*, 18 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/cprs/artigo4.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

TAPAJOS, R. A comunicação de notícias ruins e a pragmática da comunicação humana: o uso do cinema em atividades de ensino/aprendizagem na educação médica. *Interface*, Botucatu, v. 11, n. 21, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Set. 2013.

TURNEY, J. Resposta popular à ciência e a tecnologia: ficção e o fator Frankenstein. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; CASTRO, I. (Org.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent Editora, 2005. 256p.

ZUBIOLI, A. *Ética farmacêutica: direito, ética e deontologia*. São Paulo, SP: Sobravime, 2004.

ANEXO:

Roteiro para análise de filmes em Deontologia e Ética Farmacêutica

Assistir ao filme. Debater o filme para localizar os itens pedidos. Apresentar em sala o enredo do filme e os pontos levantados pelo grupo. Tempo para a apresentação de cada grupo (10 minutos). Data da apresentação: XXXXX. O grupo deverá enviar a resenha respondida, em formato Word até o dia XXXXX para o e-mail leda.mendonca@ifrj.edu.br.

Análise individual, por escrito seguindo o modelo abaixo:

1. Faça a análise do filme assistido em duas folhas formato A4, fonte Arial 12, espaço simples, margem superior e inferior, esquerda e direita 2 cm. Cumprir esse padrão será o primeiro ponto de avaliação.

2. A análise deverá ser feita à luz dos assuntos abordados ao longo do semestre na disciplina “Deontologia e Legislação Farmacêutica”. Atente para o fato que não existem personagens farmacêuticos nos enredos apresentados, por isso sua correlação será por aproximação e comparação.

3. Sempre que for pedida justificativa para a sua resposta será necessário buscar e citar “entre aspas” o(s) dispositivo(s) legais que comprovem suas afirmações. Enviar sua análise para o e-mail: leda.mendonca@ifrj.edu.br.

4. Siga o roteiro abaixo para conduzir sua análise. O seu texto pode ser livre, porém será necessário atender as questões abaixo expostas.

1. Nome do filme e ano.

2. Aponte e comente pelo menos **uma** passagem no filme, que em sua opinião seja imoral. (Valor: 1,0 ponto)

3. Você considera que as atividades técnico-científicas desenvolvidas pelo cientista retratado no filme (independentemente de ser ilegal ou não) seriam de competência do Farmacêutico? Justifique sua resposta. (Valor: 1,0 ponto)

4. Aponte, comente e justifique **um** momento do filme que você pôde perceber correlação (certa ou errada, cumprimento ou descumprimento) em cada um dos seguintes itens: a) Código de Ética do Profissional Farmacêutico; b) Infrações e penalidades sanitárias; c) Normas relativas à ética na pesquisa com seres humanos; d) Normas relativas à ética na pesquisa com animais; e) Normas de propaganda de produtos para saúde. (Uma situação para cada item) (Valor: 5,0 pontos)

5. Aponte, comente e justifique **uma** passagem no filme que se correlacione com a Portaria 344 de 1998. (Valor: 1,0 ponto)

6. O produto testado no filme é inovador, genérico ou similar? Por quê? Como proceder para regularizá-lo? (Valor: 1,0 ponto)

7. Aponte e comente **uma** passagem no filme que apresente uma imprecisão científica, de acordo com as Ciências Farmacêuticas (qualquer ramo das ciências farmacêuticas-fora da Deontologia). (Valor: 1,0 ponto)